



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

ENCONTROS ENTRE HISTÓRIA E LINGUAGEM: UMA INTERPRETAÇÃO DE NARRATIVAS DE IMIGRANTES NA ALEMANHA E EM PORTUGAL

Glauco Vaz Feijó*

1

Minha intenção na comunicação apresentada no VI Simpósio Nacional de História Cultural¹, “traduzida” para este texto que intitulei “Encontros entre História e Linguagem: uma interpretação de narrativas de imigrantes na Alemanha e em Portugal”, foi conversar um pouco sobre algumas definições metodológicas de minha pesquisa de doutorado em andamento, colocando em discussão alguns diálogos metodológicos em curso e ainda não muito usuais e pouco consolidados em pesquisas na área de história.

Por onde começar? Essa é a pergunta que William Labov tenta responder em famoso artigo. Labov argumenta que a decisão sobre onde começar é o elemento mais importante na construção de uma narrativa (Labov, 2010). Minha escolha de “por onde começar” esse texto tem a ver com a forma que encontrei de expor os encontros metodológicos que proponho. Começo do fim, do estado atual da arte, para depois voltar um pouco e descrever mudanças na pesquisa de doutoramento até aqui, refletindo

* Professor do Instituto Federal de Brasília e Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília em Cotutela com o Instituto de Romanística da Friedrich-Schiller-Universität Jena, Alemanha. Contato: glauco.feijo@ifb.edu.br

1 Para minha participação no VI Simpósio Nacional de História Cultural recebi apoio do Decanato de Pós-Graduação da Universidade de Brasília, externo aqui meus agradecimentos.

sobre os recuos e, principalmente, sobre as opções metodológicas revistas. Uma razão fundamental me leva por esse caminho: a crença em que a contribuição mínima que uma tese doutoral deve alcançar é fomentar o processo de produção de conhecimento por meio de reflexões metodológicas dos desafios e dilemas enfrentados durante a pesquisa.

Antes de continuar, devo dizer que o problema de meu doutorado é a invenção discursiva de nacionalidades brasileiras por meio de narrativas orais de trajetórias de vida de imigrantes na Alemanha e em Portugal. No momento, disponho de 25 horas de gravação, contabilizadas em 18 entrevistas com 17 brasileiros/as residentes na Alemanha, que já começaram a ser interpretadas. Tenho ainda à frente a realização de entrevistas com brasileiros/as residentes em Portugal, que seguramente trarão surpresas e possivelmente alterações nas propostas de interpretação apresentadas aqui.

Voltando então aos encontros metodológicos de minha pesquisa, gostaria de começar a contar essa história por meio de um detalhe, um detalhe que apenas algum tempo depois de realizado se mostrou para mim revelador: a mudança do título de meu projeto de doutorado desde a seleção, há pouco mais de dois anos, até o momento da qualificação, feita há cerca de 03 meses.

Ao projeto para a seleção dei o título de *O Brasil lá fora: a invenção discursiva de uma nacionalidade brasileira no exterior*. Ao passo que o trabalho de qualificação, eu o chamei de *O Brasil lá fora: a invenção de nacionalidades brasileiras na Alemanha e em Portugal (1989-2012). Narrativas e discursos de identidades*. Há três razões para a alteração: uma eminentemente prática, uma fundamentalmente teórica e uma basicamente metodológica. Vou apenas mencionar as razões prática e teórica e me ater à metodológica, que é também a razão de elaboração deste texto.

A razão prática foi a confirmação da viabilidade de se estender a pesquisa também a Portugal, algo apontado no projeto inicial, mas cuja viabilidade era àquele momento uma grande incerteza.

A razão teórica deveria ter sido notada já na escolha do título do projeto, pois desde o início da pesquisa não entendo identidade como algo “uno”, como deixa transparecer o título do projeto inicial, mas sim com um processo múltiplo em constante

construção. Nesse ponto, limito-me a dizer que sou inteiramente caudatário das proposições dos Estudos Culturais.

A terceira razão da mudança de título, e que é a que eu quero destacar, como disse, é metodológica e se divide em dois momentos. O primeiro, também apenas menciono: trata-se da delimitação temporal do estudo entre 1989 e 2012, algo inexistente no projeto original. Optei no início por não partir de nenhuma delimitação temporal precisa, como a que cheguei após a primeira fase de entrevistas na Alemanha. Claro que trato na minha pesquisa de história do tempo presente, mas a delimitação precisa do tempo histórico observado surgiu da própria pesquisa, foi das entrevistas, das narrativas de meus colaboradores e de minhas colaboradoras que surgiu a delimitação temporal precisa, mas não vou me alongar nesse tópico.

Gostaria de me ater mais ao segundo momento das razões metodológicas da mudança do título do projeto. Esse segundo momento, eu passo a chamá-lo de “guinada metodológica” em minha pesquisa.

No título inicial dei ênfase literal apenas ao processo discursivo de construção de identidades, na “retitulação” espero poder ter ido além, pois com o subtítulo “narrativas e discursos de identidades” estão reafirmados os aspectos discursivos dos processos identitários, acrescidos dos aspectos narrativos que envolvem esses processos. Não abandono a proposta inicial de interpretação e compreensão de discursos de reconstrução de identidades experimentados por imigrantes brasileiras/os na Alemanha e em Portugal, contudo, com a pesquisa se tornou bastante claro de que esses discursos se realizam por meio da narração de histórias. São vistos ainda como processos discursivos, mas são vistos também como narrativas. Os textos, materializações dos discursos, são abordados como narrativas, como construções que organizam experiências de vida em ordem temporal, o que torna profícua a aproximação entre história e linguagem no meu trabalho de interpretação.

Narrativas, discursos e identidades são as ideias que chamo de fundantes da pesquisa. Ligadas a essas ideias fundantes, metodologias, que chamo de estruturantes – pois servem para construir minha própria narrativa – surgiram quase que espontaneamente. Quer dizer, a escolha das ideias fundantes, aliada à opção pelo

trabalho com entrevistas, trouxe consigo, a reboque, as metodologias estruturantes, quais sejam: história oral, análise de narrativas e análise crítica de discursos. Sendo que:

narrativas não são vista apenas como formas literárias, mas como uma maneira fundamental de organização da experiência humana e como uma forma de construção de modelos de realidade (...). Narrativas permitem aos seres humanos se acertarem com a temporalidade de suas existências (...). Ao contar histórias, colocamos ordem em *eventos caóticos, estruturando experiências vividas*. (Neumann, Nünning; Pettersson, 2008: 4-5)²

Foi o diálogo necessário entre essa perspectiva de narrativa, fundamentalmente baseada na experiência humana do tempo, e o uso da história oral como prática metodológica interdisciplinar que me levou à busca de uma aproximação indispensável com a narratologia.

Em obra recente sobre o que chama de teoria da história oral, Lynn Abrams defende que:

fontes de história oral são também fontes narrativas, então historiadores precisam das teorias vindas da interpretação de textos literários e folclóricos, e também daquelas derivadas da linguística e da psicologia para se ganhar uma perspectiva da significação como oposta ao conteúdo da entrevista. O importante aqui é que historiadores que usam a história oral devem estar alertas à natureza essencialmente narrativa das fontes orais e, reconhecendo-as como tal, precisamos usar as ferramentas de teóricos da narrativa para desvendar nossas fontes. (Abrams 2010:18- 21)

4

Quero crer com isso que as metodologias que proponho, ainda que múltiplas, ou híbridas, se concatenam em um todo coerente, pois surgem umas das outras, sem que se possa dizer com muita precisão onde se encontram seus limites. A opção inicial que havia feito foi a de trabalhar com entrevistas e ter a história oral como metodologia de trabalho, daí derivaram as demais metodologias, das exigências contemporâneas que o uso da história oral como metodologia aberta ao diálogo permissivamente nos impõe. Proponho inicialmente dois diálogos fundamentais: História Oral e Análise Crítica de Discurso (ACD) e História Oral e Narratologia.

Como disse, adotei a interpretação de narrativas sem contudo abandonar a ideia de interpretação de discurso. A ideia de discurso que embasa essa aproximação, eu a

2 Todas as citações feitas no texto são livres traduções de minha autoria.

tomo emprestada da Análise Crítica do Discurso (ACD), buscando me apropriar de ideias e instrumentos metodológicos de distintas escolas da ACD, que, embora não coincidentes e, em alguns momentos conflitantes, guardam ainda muitas afinidades entre si. Uma ideia de discurso que creio não desagradar nem a austríacos, nem a holandeses, nem a ingleses³ é a proposta por Chouliaraki & Fairclough:

A análise de discurso crítica parte da percepção de discurso (verbal, mas também outras formas semióticas, como imagens visuais) como um elemento de práticas sociais, que constitui outros elementos ao mesmo tempo em que é influenciado por eles. Questões sociais são portanto questões sobre discurso (...) (Chouliaraki; Fairclough, 2009: vii). Usaremos o termo “discurso” para nos referir a elementos semióticos das práticas sociais. Discurso inclui assim língua (...) comunicação não verbal (...) e imagens visuais. O conceito de discurso pode ser entendido como uma perspectiva particular sobre essas várias formas de semiose – elas são vistas como momentos das práticas sociais e sua articulação com outros momentos não discursivos. (Chouliaraki; Fairclough, 2009: 38)

Devo aqui fazer um parêntese para esclarecer que, embora me aproprie da ideia de discurso de Chouliaraki & Fairclough, não me proponho a usar a ACD como teoria, como fazem essa autora e autor, mas somente como metodologia, indo buscar meus fundamentos teóricos em outras searas, para não dizer na boa e ainda nem tão velha assim História Cultural. Nesse aspecto, creio que me aproximo mais dos argumentos de Theo van Leeuwen quando propõe que:

Como analistas do discurso, nós só podemos reconhecê-los [o uso de expressões com uma dimensão avaliativa] com base em nosso conhecimento cultural de senso comum. A utilidade da análise linguística discursiva para aí, onde a pesquisa histórica discursiva deve tomar a frente. Somente o historiador social e cultural pode explicar o status moral dessas expressões, relacionando-as aos discursos morais que as embasam, desfazendo assim a “amnésia da gênese” (Bourdieu) que nos permite tratar tais “avaliações morais” como valores do senso comum que não precisam ser explicitados. (Van Leeuwen, 2005: 12)

Contudo, se lanço mão da ACD como uma das metodologias centrais em minha tese é por que concordo com Fairclough que fenômenos sociais [e culturais] são parcialmente discursivos (Fairclough, 2003) e porque a vejo como uma excelente metodologia de interpretação das manifestações discursivas desses fenômenos.

3 Referência a três das mais importantes escolas da ACD.

O segundo diálogo crucial da guinada metodológica de minha tese foi a incorporação de fato da interpretação de narrativas nos termos propostos por Mieke Bal de tentar “uma análise cultural de narrativas e uma análise narrativa da cultura”.

Apesar da indicação no projeto inicial, não havia no levantamento bibliográfico da época nenhum título que tratasse das questões de teoria da narrativa, de suas mudanças e debates desde que a interpretação de narrativas se livrou das amarras do estruturalismo e passou a dialogar com diversas áreas do conhecimento. Depois do chamado *narrative turn* dos anos 1990, a narratologia, incluído o estudo das “narrativas orais”, tornou-se um dos campos mais propícios para o diálogo entre diferentes áreas que se propõem a romper fronteiras dentro de um campo maior que são os Estudos Culturais. Para Vera e Ansgar Nünning, a abrangência dos estudos de narrativa hoje é uma de suas características mais notáveis. Para eles:

Muitas das novas abordagens trazem de volta para o antes claramente definido campo da narratologia exatamente as categorias que o paradigma de uma cientificidade precisa anteriormente e conscientemente apagou em nome da exatidão: as dimensões da história, da variabilidade histórica das formas narrativas, da estética, da ética, da ideologia, das interpretações e, finalmente, a dimensão sociocultural, que abrange categorias como raça, classe, gênero. (Nünning; Nünning, 2010: 20)

É por esse caminho que entendo a construção de minha tese doutoral, ela mesma uma narrativa, enraizada na História, mas se apoiando também em outros troncos, sobretudo em estudos da linguagem, por meio da ACD e na nova narratologia, buscando a sustentação mais segura possível.

Os “pés fincados na história” são garantidos por um fenômeno que torna siamesa a relação entre história e narrativa: *o tempo tornado humano*, na acepção fundamental de Paul Ricoeur (2011). É a realização do tempo humano, do passado e do futuro que se faz fundamentalmente no presente e essencialmente por meio da narrativa, que torna o olhar histórico adequado ao estudo de narrativas de identidades. Narrativas, embora sobre o passado, se fazem dentro de relações do presente, por isso nos revelam tanto ou mais sobre o tempo em que são construídas, do que sobre o tempo a que se remetem.

Outro aspecto que quero enfatizar é que a interpretação de narrativas como base da compreensão de fenômenos culturais não se propõem, ou não deveria se propor, a testar a veracidade dos fatos, mais que os fatos, é a própria narrativa o que importa, ou, conforme Jerome Bruner:

Diferentemente de construções geradas por procedimentos lógicos e científicos que podem ser excluídos por falsificação, construções narrativas só podem alcançar “verossimilhança”. Narrativas são então uma versão da realidade cuja aceitabilidade é regida por convenção e “necessidade narrativa” antes que por verificação empírica e exigência lógica (Bruner, 1991: 4)

É a narrativa em si o que importa em um trabalho no campo dos Estudos Culturais. Quais as marcas culturais, o interdiscurso, que levam à escolha dos elementos narrados: início, orientação, momentos de tensão e de ápice, é isso, e nunca a veracidade dos fatos, o que permite uma relação de diálogo horizontal, de olhos nos olhos, entre entrevistador e seus/suas colaboradores/as.

Esse posicionamento auxiliou bastante o clima de confiança alcançado em quase todas as entrevistas e derivou diretamente da leitura de um texto de história oral, um relato sobre trabalho de campo que veio parar em minhas mãos. “Acaso” que também me incentiva a fazer eu mesmo esse breve depoimento de minha própria experiência. Strandén (2009) descreve como conseguiu criar um clima de confiança durante a realização das entrevistas de seu trabalho de doutorado, entre os pontos destacados, afirma que:

Eu também mostrei claramente que eu realmente estava procurando encontrar coisas que eu não sabia e não buscando verificar fatos que eu previamente já conhecia (Strandén, 2009: 10).

Além da história oral, a narratologia foi fundamental para construção dessa perspectiva. Na narratologia, como me proponho a seguir os passos de Mieke Bal (1999) em sua defesa de *a narratological analysis of culture* e *a cultural analysis of narrative*, mantenho-me atento também ao seu argumento – que pode servir de crítica ao próprio Labov, acima citado – de que

A questão em narratologia ... não é demonstrar a natureza narrativa de um objeto. (...) A classificação de texto como método de análise, é, portanto, uma forma circular de raciocínio. Não existe uma conexão lógica direta entre classificar e entender textos. E entender – se

tomado num sentido amplo que englobe tantos atos cognitivos quanto afetivos, precisamente, não diferenciados – é a questão central. (Bal, 1999: 20)

Embora proponha me apoiar também em Labov para a descrição das narrativas colhidas. Tomo Labov como ponto de partida possível para a interpretação necessária, mas de forma alguma como uma possível interpretação. A interpretação que pretendo é histórico-cultural, conforme Bal.

Antes de concluir talvez seja aconselhável uma explicação, uma espécie de *mea culpa* dirigida aos leitores mais atentos, de que não há em minhas interpretações uma distinção nítida entre narrativa e discurso, como propõe, por exemplo, Hayden White (1987). Não que eu proponha, no lugar da distinção, uma equiparação. Se creio que em alguns momentos a proximidade dificulta a distinção, posso concordar que há casos em que a distinção é nítida, mas esse não é o caso aqui. Narrativas são também manifestações discursivas, são textos orais e, como tais, materializações de discursos. É esse caráter duplo de narrativas discursivas ou de discursos narrativos, que me permite transitar entre interpretações de narrativas e de discurso, aproximando-me, sem haver planejado, da proposta de Waldman ao criticar a distinção entre narrativa e outras formas discursivas defendida por White:

Precisamos contornar distinções prévias com uma definição minimalista de narrativa que nos permitirá considerar dados novos e mais abrangentes com uma mente aberta, uma definição que não separe de maneira rígida narrativa de outro discurso (Waldman, 2004: 87).

Essa é, contudo, uma questão que ainda merece um maior aprofundamento antes de ser possível transformar os dois diálogos propostos, entre História Oral e ACD e entre História Oral e Narratologia em um só diálogo entre as três.

Sobre as escolhas metodológicas que apresento, talvez ainda seja necessário afirmar que, na esteira de Paul Feyerabend (2005) e Boaventura de Souza Santos (2006), opto claramente pelo pluralismo metodológico. Já quando da escolha das ideias fundantes, estava para mim bem definida a necessidade de trabalhar com ideias maleáveis, em vez de optar por conceitos rígidos. Sendo assim, as metodologias

escolhidas, em maior ou menor grau, em muitas ou em algumas acepções, são, todas elas, claramente promíscuas, como defende Lynn Abrams o uso da história oral:

historiadores que realizam e usam história oral aprenderam a ser promíscuos no uso de perspectivas teóricas e se servem de técnicas analíticas de literatura e linguística, psicologia e antropologia, estudos folclóricos e artes performáticas, só para citar alguns (Abrams, 2010: 03)

Acredito que assim também posso entender os argumentos de Ruth Wodak, no caso da ACD, quando afirma que:

gostaríamos de enfatizar que ADC nunca foi e nem quis ser ou fornecer uma teoria única e específica, e uma metodologia específica não é uma característica da pesquisa em ADC (Wodak; Weiss, 2003: 12)

Assim também entendo Mieke Bal, no caso do uso da análise de narrativa como interpretação de cultura, quando propõe que *“narrativa é uma atitude cultural e, portanto, narratologia é uma perspectiva sobre a cultura”* (Bal, 1999).

O “hibridismo metodológico” a que me proponho é, pois, intrínseco às metodologias que escolhi para trabalhar. Embora exija um esforço intelectual e emocional bastante grande, tentar sair dos limites mais confortáveis e confiáveis, além de correr o risco de ver o esforço ser “julgado” como amadorismo ou ecletismo, pode trazer momentos de conforto. A cada nova perspectiva aberta, abrandam-se angústias e dúvidas sobre o potencial heurístico do caminho escolhido, que parece ser o mais indicado para os Estudos de Cultura. Theo van Leeuwen, um dos autores mais citados da ACD, rende de certa forma homenagem aos Estudos Culturais ao propor que o modelo de interdisciplinaridade buscado pela ACD faz parte do cotidiano dos Estudos Culturais:

A maior parte dos estudiosos dos estudos culturais trabalha sozinha, ou com outros estudiosos da área, ou invés de trabalhar em projetos interdisciplinares, talvez porque a área já seja tão interdisciplinar. Do ponto de vista dos pesquisadores “monodisciplinares”, seu uso de um vasto leque de fontes e métodos pode resultar em uma visão mais compreensiva do fenômeno investigado, mas também pode levar a uma falta de profundidade e rigor metodológico, um risco de amadorismo e ecletismo (Van Leeuwen, 2005: 8)

Sobre o “risco” do ecletismo concordo com a tranquilidade com que Lister e Wells propõem que

Estudos de Cultura são, pois, não apenas metodologicamente ecléticos, mas abertos e experimentais na forma em que delimita seus objetos de estudo. Da mesma forma que toma emprestados recursos metodológicos, também assume sem problemas que aborda um conjunto de objetos de estudos que lhes são exteriores ou anteriores, sobre os quais podem fazer perguntas formuladas ou herdadas de outras disciplinas (...). Pragmaticamente, seus feitos devem ser julgados em termos da coerência e das contribuições que trazem aos objetos estudados. Seu rigor metodológico se funda no uso responsável que o pesquisador faz dos recursos intelectuais que toma emprestado e aplica. (Lister; Wells, 2001: 63-64)

Introdutoriamente são essas as questões teóricas e sobretudo metodológicas a que cheguei após as leituras e a primeira etapa de coleta e interpretação das fontes orais de minha pesquisa. Metafórica e ironicamente poderia dizer que cheguei aqui andando em círculos e voltando para o lugar de onde saí. A ironia seria possível, pois ao me ver constrangido a repensar os caminhos de minha pesquisa, encontrava-me na mesma pequena cidade universitária alemã, onde diria que tudo começou, há aproximadamente cinco anos, mas essa é outra história e não caberia contá-la nessas dez páginas que se encerram. Quem quiser ouvi-la terá que esperar pelo fim dessa narrativa ainda em construção.

10

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMS, Lynn. *Oral history theory*. London: Routledge, 2010.

BAL, Mieke. Close Reading today. From Narratology to cultural analysis. In: GRÜNZWEIG, Walter; SOLBACH, A. *Grenzüberschreitungen: Narratologie im Kontext*. Tübingen: Gunter Narr, 1999.

BRUNER, Jerome. The narrative construction of reality. In: *Critical Inquiry*, vol. 18, n.º. 1, 1991, pp. 1-21

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity*. Edinburgh: Edinburgh Univ. Press, 1999.

FEYERABNED, Paul. *Contra o método*. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.

LABOV, William. Where should I Begin? In: SCHIFFRIN, Deborah; DE FINA, ANNA; NYLUND, Anastasia (Eds.). *Telling stories: language, narrative and social life*. Washington, DC: Georgetown University Press, 2010b.

LISTER, Martin; WELLS, Liz. Seeing beyond belief: Cultural Studies as an approach to analysing the visual. In: VAN LEEUWEN, Theo; JEWITT, Carey. *Handbook of visual analysis*. London: Sage, 2001.

NEUMANN, Birgit; NÜNNING, Ansgar; PETTERSSON, Bo. *Narrative and identity. Theoretical approaches and critical analyses*. Trier: Wissenschaftlicher Verlag Trier, 2008.

NÜNNING, Ansgar; NÜNNING, Vera. *Neue Ansätze in der Erzähltheorie*. Trier: Wissenschaftlicher Verlag Trier, 2002.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*, vol. 3. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2006.

STRANDÉN, Sofie. Trust in the empathic interview. In: KURKOWSKA-BUDZAN, Martha; ZAMORSKI, Krzysztof. (Eds.). *Oral history. The challenges of dialogue*. Amsterdam Philadelphia: John Benjamins Pub. Co., 2009.

WALDMAN, Marilyn Robinson. 'The otherwise unnoteworthy year 711': a reply to Hayden White. In: BAL, Mieke (Ed.). *Narrative theory. Critical concepts in literary and cultural studies*. London New York: Routledge, 2004.

WHITE, Hayden. The value of narrativity in the representation of reality. In: *The content of the form. Narrative, discourse and historical representation*. London; Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1987.

WODAK, Ruth; WEISS, Gilbert. *Theory and Interdisciplinarity in Critical Discourse Analysis*, Basingstoke: Palgrave, 2003.

VAN LEEUWEN, Theo. Three models of interdisciplinarity. In: WODAK, Ruth; CHILTON, Paul Anthony. *A new agenda in (critical) discourse analysis. Theory, methodology and interdisciplinarity*. Amsterdam: John Benjamins Pub. Co., 2005.